

Estudos da Língua(gem)

Estados diacrônicos e sincrônicos da Língua Portuguesa

Sobre os usos de ênclise nas estruturas subordinadas no português arcaico¹

About the use of enclisis on subordinated structures in Old Portuguese

Ilza RIBEIRO*

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA) /CNPQ

RESUMO

O texto assume a proposta da cartografia da periferia à esquerda de Rizzi (1997) e de Benincà e Poletto (2004), na explicação do fenômeno da ênclise em construções subordinadas no português antigo. Procura mostrar que o esqueleto da periferia esquerda permite compreender não só os casos de ênclise, como também os de interpolação de constituintes entre o clítico e o verbo. Os traços do núcleo FIN são relevantes para o movimento do verbo para esta posição, por ser o português arcaico um sistema V2. Neste sistema, a ênclise resultará sempre que V verifica seu traço em FIN e não há na estrutura qualquer constituinte focalizado ou tematizado que atraia o clítico para seu núcleo. Quando a construção de recomplementação realiza os dois núcleos funcionais Força e Fin com o morfema *que*, a ênclise nunca é possível. A interpolação resulta de uma projeção sincrética de Força/Fin, ficando o clítico em CliticP, entre Fin e TP.

¹ Este texto foi originalmente apresentado ao VI Congresso Internacional da Abralín, em João Pessoa, em março de 2009. Agradeço os comentários dos participantes.

*Sobre a autora ver página 40.

PALAVRAS-CHAVE

Ênclise nas subordinadas. Recomplementação. Sintaxe dos clíticos no português arcaico. Interpolação.

ABSTRACT

In this article we assume the proposal of Rizzi (1997), and also Benincà and Poletto (2004), about the left periphery cartography, to explain the enclisis' phenomenon on subordinated structures in Old Portuguese. And we try to show that the skeleton of the left periphery allows us to understand not only the case of enclisis on subordinated structures, but also the interpolation of constituents between the clitic and the verb. According to our proposal the traces of FIN head are relevant to verb movement to this position because Old Portuguese is a V2 system. In this system, enclisis results whenever V checks its traces in FIN and there isn't on structure any constituent focused or themed that will attract the clitic to its head. When the recomplementation's construction realizes both functional heads – FORCE and FIN – with 'que', enclisis is not possible. The interpolation results of a syncretic projection of FORCE/FIN, with the clitic in CliticP, between FIN e TP.

KEYWORDS

Enclisis on subordinated structures. Recomplementation. Syntax of clitics in Old Portuguese. Interpolation.

1 Introdução

O presente artigo almeja: (i) discutir as possibilidades de ênclise nas sentenças subordinadas do português arcaico (PA); (ii) relacionar a ênclise nas subordinadas ao fenômeno da recomplementação, seguindo Ribeiro (1993, 1995a, 1995b); (iii) analisar a recomplementação explorando o sistema CP proposto por Rizzi (1997) e Benincà & Poletto (2004); (vi) mostrar que a ênclise na subordinada resulta do movimento do verbo para o núcleo de FinP.

Apresentamos na seção 2 algumas reflexões sobre a estrutura sintática do PA e algumas questões sobre as propostas teóricas de análise do fenômeno de clítico em segunda posição. Essa restrição de clítico em segunda posição, conhecida na literatura lingüística como

lei Tobler-Mussafia (T-M), tem sido atestada em documentos da fase arcaica dessa língua (cf., por exemplo, BENINCÀ, 1995; SALVI, 1990; URIAGEREKA, 1995; RIBEIRO 1995a/b). Nas seções seguintes, centralizamos nossas observações nos casos de ênclise em sentenças subordinadas finitas, em documentos portugueses dos séculos XIII a início do XVI.

2 Colocação dos clíticos no PA

Na literatura clássica sobre colocação dos clíticos nas línguas românicas e germânicas medievais (ADOLF TOBLER, 1889; ADOLFO MUSSAFIA, 1886; JAKOB WACKERNAGEL, 1892)², é consensual a observação sobre a restrição a clíticos em primeira posição em construções que têm sido denominadas de V1 (verbo em posição inicial absoluta). Benincà (1995) formula esta restrição como segue:

1. a) * # clitic-verb
- b) # (X Y) Verb-clitic

A restrição em (1a) estabelece, para algumas línguas (o PE contemporâneo serve como exemplo), a interdição de clíticos em posição inicial absoluta de uma sentença (cf. a distribuição entre (2a) e (2b)); a restrição em (1b) indica que a possibilidade de colocação enclítica de pronomes está condicionada ao tipo de constituinte que antecede o verbo (cf. exemplo em 2c/d):

2. a. *Me deram este livro ontem.
- b. Deram-me este livro ontem.
- c. Quem te deu este livro?
- d. Este livro, deu-mo um amigo de Salvador.

² Para o leitor interessado nos trabalhos originais de Tobler, Mussafia e Wackernagel, as referências são: MUSSAFIA, A. Una particolarità sintattica della lingua italiana dei primi secoli. In: ASCOLI, G. I. et alii. *Miscellanea di filologia e linguistica in memoria di Napoleone Caix e Ugo Angelo Canello*. Firenze: LeMonnier, 1886, 255-261; TOBLER, A. Pronominales object zu infinitiv oder partizipium. *Zeitschrift für romanische philologie*, n. 13, p. 186-191, 1889 e WACKERNAGEL, J. Über ein Gesetz der indogermanischen Wortstellung. *Indogermanische Forschungen*, n. 1, p. 333-436, 1892.

Quando uma palavra-QU interrogativa antecede o verbo (ou qualquer constituinte focalizado), a próclise é mandatória (2c); quando o constituinte que antecede o verbo é um tópico, a ênclise é obrigatória (2d)³.

Embora o fenômeno da ênclise em sentenças subordinadas seja pouco atestado nas línguas românicas, a generalização Tobler-Mussafia para as línguas românicas não define, em princípio, restrições para a ocorrência de ênclise nesses tipos de construção. As formulações acima estão mais centradas na impossibilidade de próclise em posição inicial absoluta de sentença matriz. Como as sentenças subordinadas são normalmente introduzidas por um complementador de algum tipo, não há, em princípio, impossibilidades para a realização proclítica dos pronomes clíticos⁴, o que torna a ênclise inesperada nestes contextos.

2.1 A ênclise no romance medieval em sentenças raízes: obrigatoriedade e variação

2.1.1 Ênclise obrigatória em contextos V1

O quadro delineado pelos estudos sobre as possibilidades de ênclise e próclise em línguas românicas medievais mostra um padrão de uso bastante claro e bem definido (cf. ADAMS, 1987, GRANBERG, 1988, VANCE 1989, SALVI, 1990, MARTINS, 1994, BENINCÀ, 1995, RIBEIRO, 1995a/b). Por exemplo, a ênclise é obrigatória em contextos V1 de sentença raiz, seja em declarativas V1, seja em sentenças imperativas, optativas, exortativas e interrogativas sim/não. Ilustramos esta questão com dados do PA (cf. exemplos em (3)) e com dados do francês e do espanhol medievais (cf. exemplos em (4a/b) e (4c/d), respectivamente).

3. a) -Anastasio, ven-**te** (DSG - XIV)
- b) Rogo-**te** por aquel a que tu vaas que... (DSG - XIV)
- c) Ai, Santo Equicio, praz-**ti** que nos façan tanto mal...?(DSG - XIV)
- d) e disselles (FR - XIII)

³ Cf. Galves; Sândalo (2004) e Galves; Torres Morais; Ribeiro (2007), para uma reformulação das restrições sobre clítico em primeira posição.

⁴ Uso os termos “próclise” e “ênclise” significando que o pronome clítico está adjacente ao verbo, em posição pré-verbal ou pós-verbal, respectivamente.

4. a) Conois **la** tu? (ADAMS, 1987, p. 158; QUESTE, 112, p.17)
- b) Pere, avès **les** vos obliees? (ADAMS, 1987, p. 158; AUCASSIN; NICOLETTE, X, 45)
- c) Fyziéron**lo** assi Moysen e Aaron (GRANBERG, 1988, p, 157 - Fazienda de ultramar: 65)
- d) e pisáron**la** con los pies de ls cavallos (GRANBERG, 1988, p. 157 - Fazienda de ultramar: 158)

Embora a ênclise seja de uso sistemático nos contextos acima, alguma variação é observada em sentença declarativa raiz introduzida pela conjunção de coordenação *e*. Em geral, a ênclise é percentualmente mais realizada (cf. exemplos em (5)), mas a próclise também é atestada, em diversos documentos (cf. exemplos em (6) para o PA; e exemplos em (7): para o espanhol e o francês)

5. E V-CI raiz

- a) E tornar**on-se** mui't'agíha (DSG - XIV)
- b) E deul**hy** poder de guyar e de mandar seu poobo (FR - XIII)
- c) e pose**-os** todos ante o altar (DSG - XIV)

6. E CI-V raiz

- a) E **lhes** den ben cada ano o que prometen a Nostro Senhur (FR - XIII)
- b) ca en esta maneira as ordinho ele e **as** soube ante que o mundo fezesse que se comprissen (DSG - XIV)
- c) e assi lh'os trágiam presos do cabo do rreino e **lh'os** apresentavom hu quer que estava (CDP - XV)
- d) ca en esta maneira **as** ordinho ele e **as** soube ante que o mundo fezesse que se comprissen (DSG - XIV)

7. E CI V – espanhol e francês

- a) E ellas tanto mas obrauan e creyen e **se** dauan a ello. (General Estoria, II:200) (GRANBERG, 1988, p. 233-235)
- b) Yo **vos** defiendo que non vengades y más, et si non, yo **vos** çegaré et **vos** mataré. (CALILA; DIGNA, 1984, p. 232) (GRANBERG, 1988, p. 233-235)
- c) Et **vous** dit que entre Briude en Auvergne et Eause (Froissart, p. 555) (ADAMS 1987) (=então/assim) vos digo que entre Briude em Auvergne e Eause)
- d) et **lui** eust il coupé les membres (II, 92) (VANCE, 1989, p. 92; *Les Quinze Joies de Mariage* -séc XIV) (mesmo se lhe tivesse ele cortado os membros)

As explicações para esta variação podem ser encontradas ou no valor adverbial de *e*, como encadeador discursivo, equivalendo ao *ai*, *então* modernos,⁵ ou nos diferentes níveis em que duas ou mais construções podem ser coordenadas (SALVI, 1989; 1990; 1993); assim, as construções de (5) a (7) não seriam realmente V1, desde que a conjunção *e* conta como um constituinte adverbial inicial. Em relação ao espanhol medieval, Granberg (1988) comenta que a maior parte dos casos de clítico pré-verbal em coordenação ocorre em construções em que o primeiro conjunto da coordenação tem a forma X CL V e em que esse elemento X (normalmente um sujeito enfático ou um adverbial que ‘atrai’ o clítico) está subentendido antes do segundo conjunto da coordenação.

O ponto central destas observações se reduz a dizer que construções como as ilustradas em (8) não eram licenciadas em línguas românicas durante o período medieval⁶:

- | | |
|--|------------------------|
| 8. a) Lhe dei um belo presente | (português brasileiro) |
| b) Me disseram que João saiu | (português brasileiro) |
| c) L ‘ho vio Juan | (espanhol) |
| d) Las vi à las chicas | (espanhol) |
| e) La voilà | (francês) |
| f) Mi dedico allo studio delle lingue | (italiano) |

2.1.2 Ênclise predominante em contexto raiz V≥2

Barbosa (1991, p. 3-5) apresenta um quadro bem definido das possibilidades de próclise e ênclise no PE contemporâneo, que retomamos em (9) a seguir:

- | | |
|---------------------|-------------------|
| 9. a) Ninguém o viu | *Ninguém viu-o |
| b) Só o Pedro o viu | *Só o Pedro viu-o |

⁵ Por exemplo, Mattos e Silva (1989:655), em relação aos usos da conjunção *e* nos Diálogos de São Gregório, observa que " O *e*, além de expressar a cópula de enunciados e de constituintes do enunciado, é profusamente usado no *corpus* como uma espécie de encadeador da narração, equivalente, poderíamos dizer, ao *ai* hoje tão comum em narrativas orais informais"

⁶ Há diferenças entre estas línguas quanto às fases históricas em que as construções de clítico inicial começam a serem atestadas. Este tipo de colocação continua sendo agramatical no português europeu. Cf. referências.

c) O Pedro não o viu	*O Pedro não viu-o
d) O Pedro já/nunca o viu	*O Pedro já/nunca viu-o
e) *A Maria o viu	A Maria/ela viu-o
f) *Aqueles rapazes, a Maria os viu ontem	Aqueles rapazes, a Maria viu-os ontem

Parece haver uma distribuição muito bem definida quanto às possibilidades de próclise e ênclise no PE contemporâneo, em sentenças raízes: (a) DPs quantificados (9a), a negação (9c), constituintes focalizados (9b) e advérbios focalizados (9d) exigem a próclise; (b) DPs referenciais e pronominais (9e) e tópicos (9f) exigem a ênclise.

As exigências de próclise em contextos raízes de sentenças negativas, ou com constituintes focalizados ou com DP sujeito quantificado são também categóricas no PA, apontando para um traço estrutural diacrônico presente nas diferentes fases históricas do PE. Os dados abaixo ilustram estes contextos:

- 10 a) E cada hüu **se** guarde de mal fazer (FR – XIII)⁷
 b) Ei as galias que cria, hüa raposa **lhas** come! (DSG – XIV)
 c) mas eu nõ **as** vy (Caminha – XV)
 d) E assi **se** fez (DSG – XIV)
 e) e ali **a** mandou matar... (CDP – XV)
 f) e assi **o** fez elle (CDP – XV)

Contudo, as exigências do PE contemporâneo quanto ao uso da ênclise quando o sujeito é um DP referencial (cf. (10e) acima) ou quando há um tópico (cf. (10f) acima), ou ainda com certos advérbios antecedendo o verbo, são contextos de variação no PA:

11. a) Entõ chamou-o o abade (FLOS – séc. 14)
 Entõ lhi disse o abade (FLOS – séc. 14)
 b) Entõ o bispo disse-mi (FLOS – séc. 14)
 Entõ o sancto homem lhi disse (FLOS – séc. 14)
 c) E eu preguntey-o (FLOS – séc. 14)
 E ela o preguntou (FLOS – séc. 14)

⁷ Em todos os exemplos do PA, os dois pontos sobre as vogais *e*, *i*, *u* estão sendo usados em substituição ao til.

- d) E el disse-lhi (FLOS – séc. 14)
 E el mi disse (FLOS – séc. 14)
 e) Eu respondi-lhis e dixi (FLOS – séc. 14)
 E eu lhi respondi e dixi-lhi (FLOS – séc. 14)

Em (11) apresentamos pares de dados que refletem superficialmente os mesmos contextos sintáticos, retirados de um único documento, com um mesmo gênero discursivo, o de narrar histórias das vidas dos santos e dos pecadores. A alternância entre ênclise e próclise é evidente.

2.1.3 Como derivar a próclise e a ênclise: a estrutura do CP

As análises sobre colocação de clítico que assumem uma projeção de CP singular procuram derivar a ênclise em sentenças raízes como resultante do movimento do verbo flexionado para o núcleo C, o pronome clítico permanecendo no núcleo I de IP (cf. SALVI, 1989, 1990, 1993; BENINCÀ, 1995; RIBEIRO 1993, 1995a, entre outros)⁸, como representado a seguir:

12. a. $XP_{\text{tópico}} [_{CP} [_{C} \text{ entregou }] [_{IP} \text{ lhe } t_v \text{ o livro } \dots]]$
 b. $XP_{\text{tópico}} [_{CP} YP_{\text{foco}} [_{C} \text{ lhe+entregou }] [_{IP} t_{CL+V} \text{ o livro } \dots]]$

As diferenças entre (12a) e (12b) estão relacionadas com a forma de realização do spec/CP: vazio no caso da ênclise; preenchido por um constituinte com leitura de foco, no caso da próclise. Os tópicos externos a CP não interferem na realização da ênclise ou da próclise, em princípio.

Assumir esta estrutura do CP já mostra porque a próclise é a realização esperada em sentenças subordinadas:

13. ... disse $[_{CP} [_{C} \text{ que }] [_{IP} \text{ lhe entregou o livro } \dots]]$

O núcleo C já está realizado pelo complementador *que*, não

⁸ A apresentação e representação da análise estão sendo feitas de uma forma ampla, sem considerar especificidades relacionadas ao movimento de verbo e do clítico até chegar a esta configuração, por não serem relevantes para a discussão a ser empreendida no texto.

permitindo, assim, o movimento do verbo para esta posição.

Além disto, os estudos sobre o fenômeno da interpolação têm mostrado ainda que o clítico no PA não se comporta com um elemento V-relacionado (ou seja, como um clítico verbal); ao contrário, tende a se comportar com um elemento C-relacionado, como proposto em Ribeiro (1995a). Os exemplos de interpolação abaixo mostram que o clítico está adjacente ao complementador da sentença subordinada, podendo diferentes tipos de constituintes ocorrerem intercalados entre o clítico e a forma verbal flexionada⁹.

14. a) Esto, Pedro, que **ti** eu ora quero contar (DSG – XIV)
- b) o rogo que **lh'** o cavaleiro tan aficadamente fazia (DSG – XIV)
- c) pela graça que **lhi** Deus ante dera (DSG – XIV)
- d) pello acrecentamêto qua **lhys** Deus deu (FR – XIII)
- e) E sse **o** assy mostrar (FR – XIII)
- f) contra quem **lhe** elle entom rrequeria ajuda (CDP - XV)
- g) E como quer que **o** el-rrei muito amasse (CDP - XV)

Ribeiro (1993, 1995a) assume uma estrutura do CP, inspirada em Cardinaletti e Roberts (1991), como delineada em (15) abaixo, com a posição de núcleo de AGRcP disponível para hospedar o clítico, o que permitiria derivar a interpolação¹⁰:

15 ... disse [_{CP} [_C que] [_{AGRcP} CL] [_{IP} Suj V OB ...]]

Contudo, qualquer uma das duas representações de sentenças subordinadas (13 e 15) bloqueia a ênclise nas subordinadas, se vista como resultante do movimento do V para C.

⁹ Sobre a interpolação na história do português, cf. Martins (1994), Ribeiro (1995a), Parcerro (1999) e Namiuti (2008).

¹⁰ A proposta de Ribeiro (1993, 1995a/b) se centra na propriedade V2 do PA, assumindo que o V[+f] sempre se move até C^o na sintaxe visível, nas sentenças raízes, sendo esta a posição funcional em que o verbo finaliza a verificação de seus traços. É assumido que o núcleo C tem traços fortes relacionados com o V, embora o de AGRc^o não seja V-relacionado. Assim, no seu caminho para C^o, o V[+f] deve passar por T^o, para checar Tempo, AGRs^o, para checar os traços-φ, e C^o, para checar modo ou tempo. O V não passa por AGRc^o porque não há traços-V a serem verificados nessa posição. AGRc^o é um conjunto de traços-φ (ou traços nominais) relacionado com especificidade. Assim, são os pronomes clíticos os elementos que verificam os traços do núcleo AGRc^o.

2.1.4 Ênclise nas subordinadas

Embora o padrão de colocação dos clíticos nas subordinadas, no PA, seja essencialmente proclítico, casos de ênclise são atestados em diversos tipos de documentos, em diversos tipos de subordinadas, como ilustrado a seguir:

I – Completiva:

16. a) E mãdamos **que** se alguo ome demanda contra el rey peçalhy mercee en puridade (FR – XIII)
- b) Ja ora podes entender, Pedro, **que** aquelas cousas que Deus ordiõu e soube ante que o mundo fosse feito, compriron-**se** pelas orações dos santos homens (DSG – XIV)
- c) Ca disse **que** hüü dia entrou o bispo en hüü seu horto e achô-**o** todo coberto de burgo e de pulgon e de lagarta (DSG – XIV)
- d) Acaeceu hüü dia **que** per culpa ja de quen foi, acendeu-**se** o fogo na cidade d'Anconha (DSG – XIV)
- e) e parece **que** nembrando-lhes a criaçom que em elles fezera e como os queria mandar matar, viinham-**lhe** as lagrimas aos olhos per vezes (CDP – XV)
- f) Diz **que** todos aqueles que Jesu Cristo receberam e creeron que era filho de Deus, deu-**lhis** el poderio (DSG – XIV)
- g) Queria, padre, que mi provassen mais abertamente **se** a ordinhaçon que Deus feze dos feitos que se fazem no mundo, ou a sabença que ouve desses feitos ante que o mundo fosse feito, **se** se pode ajudar per orações dos santos homens (DSG - XIV)
- h) diz **que** hüü lobo furtou hüü bode e leou-**ho** a hüü gram ssiluado (LOBO, 1991, p. 157 apud MARTINS, 1994, p. 97)

II – Consecutiva:

17. a) E tanto foi o amor do filho que ouve **que**, quando vio o servo de Deus, tomou o cavallo en que andava pelo frego e disse-**lhi** con gram juramento (DSG – XIV)
- b) E tam grande era a pressa da batalha **que o** ño vyrom os seus e colherõ**no** so hos pees dos cavallos e matarõ**no** (EIJK, 1954, II, p. 141 apud MARTINS, 1994, p. 96)
- c) E quando Cesar viu esta cousa foi tam espantado que todolos membros **lhe** tremerom e arripiarom-**lhe** os cabelos, e esteve quedo sobre a ribeira; e pensou bem que esta imagem representava a terra de Roma (MATEUS, 1980, p. 79 apud MARTINS, 1994, p. 97)
- d) Et aquelles mourros eram tã muytos que, fiandosse ãna muytedüem, partirõ**se** et... (OGANDO, 1980, p. 266 apud MARTINS, 1994, p. 99)

III - Causal/Temporal/Modal

18. a) e porque dos bêes das vertudes que se pagava huum, pagava-**se** o outro (DSG – XIV)
- b) ca fex mandado do Papa e confirmou-**lh'** o Esleito (Ogando 1980, p. 265)
- c) A batalha durou des meio dia ata sol posto: e nem um nom podia ver qual haveria a victoria, quando os Seines feriram juntamente nos Franceses e fezerom-**lhes** leixar a praça. (MATEUS, 1980, p. 67 apud MARTINS, 1996, p. 97)

IV – Outras

19. a) assy como **o** conta Moysem ãno sexto capytolo do genesis, et diz **lo** Jeronymo ãna Glosa sobre este lugar - Ogando 1980:265 (MARTINS, 1994) (comparativa)
- b) que as leis e justiça eram taaes como a tea da aranha, na quall os mosquitos pequenos caindo som rreteudos e morrem em ella, e as moscas grandes e que som mais rrijas, jazendo em ella, rrompem-**na** e vaan-**sse** (CDP – XV) (relativa)

- c) A outra he ca, se bõõ he, homilda-**se** mais (DSG – XIV)
(clivagem)

Este não é um fenômeno restrito ao PA. Fernandez-Rubiera (2009, p. 82) mostra que clíticos pós-verbais podem ser até obrigatórios no dialeto asturiano mais conservador, como no tipo de subordinada exemplificado em (20a) e ser opcional, como em (20b/c):¹¹

20. a) Repítote [que yo dexé**lo** aquel diecisiete de mayu] [***lo** dexé]
[de Pablo, *Memoria*]
(repito+te [que eu deixei+**o** aquele dezessete de maio])
- b) Digo [que'ayúdame]
(digo [que ajuda+**me**])
- c) Digo [que **me** ayuda]

Em grego cipriota, a ênclise é o padrão em sentenças encaixadas no modo indicativo¹² (cf. SHLONSKY, 2004, p. 343)

21. Ksero oti i Maria edhkiavasen *to*
(sei que a Maria leu-o)

No PE contemporâneo, segundo Raposo e Uriagereka (2005), a ênclise ocorre em sentença subordinada quando um tópico intervém entre o complementador e o verbo:¹³

22. dizem que esses panfletos, distribuiu-**os** (o partido) ontem
(***os** distribuiu)

Frota e Vigário (1996) também citam exemplos de ênclise em sentenças subordinadas no PE contemporâneo, como os em (23a-d); Lopes (2010) mostra que a ênclise também é possível no PE dos séculos XVI a XIX, embora com ocorrências muito raras (exemplos em 23 e-g):

¹¹ Na análise do autor, a opcionalidade reflete o tipo de interpretação possível para a sentença encaixada: a ênclise ocorre quando o conteúdo da sentença subordinada implica uma interpretação de [+convicção] por parte do falante ou do sujeito do predicado matriz.

¹² A próclise é obrigatória no modo subjuntivo.

¹³ Resultante da propriedade morfofonológica da categoria funcional F, proposta por Uriagereka (2005).

23. a) Acho que ao João, a Maria **ofereceu-lhe** um livro
b) Disseram-me que embora tivesse sido difícil, **concederam-lhe** a bolsa
c) O Pedro disse que o livro **foi-te** entregue ontem
d) O João disse que a Maria **deu-lhe** um beijo
e) Nas minhas haverá tanta diligência, **que** pelo menos **desculpe-me** os meus desconcertos (F.M. de Melo)
f) e assim se detiveram até chegar o esquadrão, **que** remetendo com aquele cardume, **desbarataram-no** logo, recolhendo aqueles dous valorosos soldados.” (Diogo do Couto)
g) Não vê, **que** se não tem amor a outrem, **tem-no** a si; (Matias Aires)

No PB contemporâneo, caracterizado como um sistema essencialmente de colocação pré-verbal do clítico em formas verbais finitas¹⁴, a ênclise pode ser atestada em vários estilos de fala e escrita, mais ou menos formais:

24. a) É a garota que **apaixonou-se** por você (escrita universitária)
b) Fiquei feliz quando **ligaram-me** (dado de fala)
c) A situação é tão grave que **corre-se** o risco de o País perder a sua própria identidade (A Tarde, 18/11/00, p. 3 – Gerson dos Santos)

2.1.5 Resumindo os fatos

Com estas revisões e observações, chegamos ao ponto central deste texto, o de tentar explicar a ênclise nas subordinadas, correlacionando as possibilidades e impossibilidades de ênclise ao fenômeno da recomplementação, adaptando a proposta já apresentada em Ribeiro (1993, 1995) aos novos desenvolvimentos teóricos da cartografia da periferia à esquerda. Nos dois trabalhos referidos, consideramos que o posicionamento enclítico ou proclítico dos complementos clíticos nas sentenças raízes e encaixadas depende de condições estruturais relacionadas com o estatuto teórico dos constituintes XPs que antecedem os clíticos e os verbos, ou seja, as possibilidades de ênclise ou próclise são definidas de acordo com o estatuto sintático desses XPs, segundo

¹⁴ Em sentenças raízes e encaixadas.

eles sejam ou elementos deslocados/ topicalizados, ou constituintes de Spec/XP; consideramos que o constituinte CP pode ser recursivo nas encaixadas e que a ênclise nas subordinadas está intimamente ligada às possibilidades de recomplementação, como passamos a discutir no item a seguir. As ordens a serem discutidas são as mesmas apresentadas em Ribeiro (1995a, p. 74), que resumem as discussões desta seção:

25. a) encaixadas "normais" ou com possibilidade de interpolação

que Cl V
 que Cl Neg V
 que Cl X V
 que Cl X X V

b) encaixadas V2

que [X V S]
 que [X CL V]
 que [S CL V]

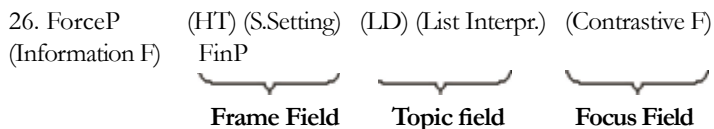
c) encaixadas com TOP

que TOP [que Cl V]
 que TOP [X Cl V]
 que TOP [Neg Cl V]
 que TOP [-- V CL]

3 Tentando explicar a ênclise nas subordinadas. O CP expandido

Segundo Rizzi (1997, p. 283), assumimos que o domínio INFL é o local de traços morfossintáticos do verbo e que o domínio CP realiza a interface entre o conteúdo proposicional e a estrutura subordinada ou o discurso. Assumimos a divisão do CP de Rizzi (1997), com as modificações propostas por Benincà e Poletto (2004) e Benincà (2004), no sentido de que 'Tópico' e 'Foco' são domínios (um conjunto de projeções), sendo 'Tópico' o domínio mais alto, que hospeda elementos não operadores (Tópico pendente (HT), marcadores de cena (Scene Setting), deslocados à esquerda (LD) e tópicos com interpretação de lista (List Interpretation); e 'Foco', o domínio mais baixo, que hospeda elementos tipo operador (Foco contrastivo e foco informacional). 'Força' expressa se a sentença

é declarativa, interrogativa, exclamativa, relativa, adverbial, etc; ‘Fin(itude)’ contém uma especificação de tempo que concorda com o do domínio INL. A estrutura assumida aqui está delineada abaixo (BENINCÀ, 2004; BENINCÀ; POLETTTO, 2004):



Também assumimos a proposta de Roberts (2004) de que o fenômeno V2 resulta do requerimento de realização fonológica de Fin (Fin* na representação de Roberts (2004)). Como temos assumido que o PA é um sistema V2, o movimento de V para Fin é operativo no PA, com movimento adicional de Fin para Foco, se FocoP é ativado; temos proposto também que os campos Frame e Tópico não são V-relacionados, o que implica dizer que não são atratores de movimento de verbo para seus núcleos funcionais.

Passamos agora à análise da ênclise nas subordinadas, relacionando-a ao que temos até agora denominado amplamente como recomplementação. No sentido estrito, este termo está sendo usado neste estudo como se referindo à estrutura delineada em (26). Vamos argumentar a seguir que as possibilidades de realização estabelecidas em (26) estão no núcleo da variação de posicionamento dos clíticos no PA, quer no que diz respeito à interpolação, quer no que diz respeito à ênclise e à próclise; ou seja, as possibilidades de realização de dois **que** em sentenças subordinadas, **que**₁ em Força e **que**₂ em Fin, a ativação ou não dos campos de Tópico e de Foco, e a interrelação entre Foco e V2, bem como o requerimento de Fin* estão no centro das variações de ordenação entre clíticos e verbo, como esquematizadas em (25) acima¹⁵.

3.1 Recomplementação-I: as encaixadas “normais”

As encaixadas “normais” (cf. 25a) são aquelas em que Frame,

¹⁵ Nas conclusões, esboçamos algumas observações para as questões relacionadas com as sentenças raízes, apresentadas na seção 2, procurando mostrar uma certa simetria entre raízes e encaixadas no PA, relacionadas com a propriedade V2 (ou de Fin*).

Tópico ou Foco não são projetados, pois não há elementos topicalizados ou focalizados na periferia à esquerda. Duas possibilidades são previstas para Força e Fin:

a) ou Força e Fin são realizados como um núcleo sincrético:

27. [Force/FinP que [Cl [IP]]]

b) ou os dois núcleos são projetados, em um CP dividido (RIZZI, fn. 28; ROBERTS, 2004); o complementizador é gerado em Fin e se move para checar o traço de Força:

28. ..._[ForceP] que_i _[FinP] ... **que**_i [Cl [IP ...]]]¹⁶

Isto deriva as completivas com uma única realização do complementador **que**, que apresentam características semelhantes a outras encaixadas, como possibilidade de interpolação, indicando que o verbo finito pode seguir estes constituintes.

29. a. e dizia-lhis **que** se non atrevessem per seu exemplo a morar (DSG-14th)
 con nen hūas molheres que no mundo fosse
 b. mandou **que** o non dissessen a nengũ (DSG-14th)
 c. que diga **que** llj eu Alguna cousa diuía (from Martins
 2002, p. 244; year 1275)

Em todos os três exemplos acima, há constituintes interpolados entre o clítico e o verbo: a negação em (29a/b) e o sujeito e o objeto em (29c). Continuamos a assumir que o clítico ocupa uma posição funcional específica, que tem recebido várias denominações: WP (ROUVERET, 1992), ΣP (MARTINS, 1994), FP (URIAGEREKA 1995; RAPOSO; URIAGEREKA 2005), AgrC (CARDINALETTI; ROBERTS, 1991; RIBEIRO, 1995), CLP (FERNANDEZ-RUBIERA 2009). Em (28), representamos esta posição seguindo Fernandez-Rubiera (2009).

Embora a interpolação seja muito frequente no PA, sobretudo em sentenças adverbiais e relativas, não é necessariamente obrigatória. Assim,

¹⁶ Cf. Nunes (1998, 2004) para a análise de movimento como resultante de Copy, Merge, Chain Formation, and Chain Reduction.

a ordem **que CI V** é atestada em muitos dados, sobretudo com sujeito nulo ou com sujeito pós-verbal. A derivação para esta ordem é a mesma proposta para os casos de interpolação (cf. 28), sem haver constituinte interpolado neste último caso. A ênclise nunca é possível quando os traços de Força/Fin (sincréticos) já estão realizados pelo item **que**.

3.2 Recomplementação-II: as encaixadas V2

Chamamos de construção V2 aquelas em que o verbo flexionado se realiza em Fin, para atender o requerimento fonológico Fin*. Incluímos aí não só aquelas em que um constituinte tematizado ocupa Spec/Fin, como também as em que há sempre um constituinte focalizado em Spec/FocoP, ou seja, são construções em que Força e Finitude não são sincréticos. Em qualquer uma das possibilidades, a próclise é mandatória.

A análise considera que objetos diretos e outros constituintes tematizados podem ser movidos para Spec/Fin,¹⁷ situação em que FocoP não é ativado. A ordem derivada é: Tema V (S) ..., se o sujeito não é o próprio tema, ou S V ..., quando o sujeito é o próprio tema deslocado para Spec/Fin. Os temas deslocados são constituintes pragmaticamente salientes para a coesão discursiva (sobretudo constituintes dêiticos e advérbios encadeadores do discurso), considerando também critérios de informatividade (PRINCE, 1981) como evocado, inferível, disponível, etc. Também neste caso, a próclise é sistemática e nunca ocorre um pronome resumptivo na posição original (de merge) do constituinte. São dados como os ilustrados a seguir:

30. a) *deves a entender, Pedro, que **alguus feitos** contarei *eu* (DSG-14th) per razon daquelas cousas que entendo per eles e non per razonde seus feitos....*
- b) *disse-lhis que **taaes costumes** aviam *eles* que non poderian conviir con os seus (DSG-14th)*
- c) *mais pera non entenderes que **eu** ti quero soer desobediente quero fazer o que me rogas (DSG-14th)*
- d) *E porque o abade sabia que **os homens da terra** o honrayan muito (DSG-14th)*

¹⁷ Afastamo-nos aqui da proposta de Benincà (2004) de que constituintes com interpretação temática são licenciados em Foco.

e) Acaeceu ainda que hũu cavalo duum cavaleiro foi ravisoso e **adur** o podian teer, (DSG-14th)

Quando um foco é realizado em FocoP, o verbo finito sempre se desloca de Fin para Foco, para verificar os traços do núcleo Foco. A ordem observada é: Foco V (S) A próclise é sistemática neste contexto e nunca ocorre um pronome resumptivo na posição original (de merge) do constituinte.

31. a) a min semelha [_{F_{orce}P} **que** [_{F_{oco}P} **en vâão cuidava**] [_{F_{in}P} t_{foco} t_{verbo}]_{IP} *eu que en terra de Italia non avia padres santos que fezessen miragres e maravilhas*] (DSG-14th)

b) osmo [_{F_{orce}P} **que** [_{F_{oco}P} **ante se acabaria**] [_{F_{in}P} t_{foco} t_{verbo}] [_{I_{cl}}]_{IP} *o dia que eu leixasse de contar o que...*] (DSG-14th)

c) ...dizer [_{F_{orce}P} **que** [_{F_{oco}P} **mais teendes**] [_{F_{in}P} t_{foco} t_{verbo}]_{IP} *juntas de vinte mil dobras*] (CDP-15th)

d) Contou ainda San Gregorio daqueste abade Equicio [_{F_{orce}P} **que** [_{F_{oco}P} **tanta era**] [_{F_{in}P} t_{foco} t_{verbo}]_{IP} *a fama da santa preegaçon que faz_çia*] (DSG-14th)

As sentenças negativas são contextos de evidências claras de que o verbo não vai além do núcleo de FocoP, ou seja, de que os núcleos de Frame e de Tópico não são V-relacionados.

32. rogoo-u o cavaleiro de tan gram coraçõ [que [_{LD} o don que lhi dava] [_{F_{oco}P} **non-no** despreçasse]](DSG-14th)

Em (32) há um constituinte LD na completiva e um operador negativo em Foco, condicionando a colocação pré-verbal do clítico (embora fonologicamente enclítico à negação). Quando a periferia não é ativada pela realização de um constituinte deslocado, o CP sincrético é selecionado, quando então a interpolação é sistemática, como em (33):¹⁸

¹⁸ Segundo Martins (1997), a interpolação da negação se explica por *não* ser um morfema associado

33. mandou **que** o non dissessen a nengũ (DSG-14th)

Desse modo, qualquer constituinte que ocorra no campo de Frame e Tópico não interfere com a colocação dos clíticos, pois não são V-relacionados:

34. ca temia o santo bispo [_{ForçaP} **que**, [_{Frame} se os homens soubessen
aquele que acaecera], [_{FocoP} **tanta vãã gloria lhi creceria** [_{FinP} t_{foco}
t_{cl+y} en seu coraçõn quanto louvor lhi dessen os homens aa de fora]]]
(DSG-XIV)

No exemplo em (34), a sentença adverbial não interfere com a posição do verbo, que se desloca até o núcleo de FocoP.

3.3 Recomplementação-III: as encaixadas com TOP

Nas estruturas esquematizadas em (25c), há variação entre o uso da próclise ou da ênclise, a depender de como o núcleo Fin é realizado.

3.3.1 Duplo que: próclise

O uso inicial do termo *recomplementação* se refere à possibilidade de seqüência de complementadores, como representado abaixo, em que o elemento introdutor das sentenças completivas **que** se superficializa duas vezes. Assumimos que **que**₁ se realiza em Força e **que**₂ em Fin. A dupla realização de **que** é atestada em contextos em que os campos Frame e Tópico são ativados, mas não há constituinte focalizado / tematizado na construção. A próclise é sistemática nesta configuração:

35. ... [_{ForccP} **que**₁ [TOP / LD] [_{FinP} ... **que**₂ [_{CIP} [_{TP} ...]]]]

Exemplos do fenômeno no PA estão apresentados em (36)

ao verbo, já projetado no léxico, como um núcleo não-autônomo.

36. a) E ali, per sas encantações, trabalharon **que** o enmiigo que en ela entrara **que** saisse dela (DSG – XIV)
- b) mandou-lhi dizer **que** el **que** o ia ver (DSG – XIV)
- c) e o abade San Bento dizendo o contrairo **que** Deus **que** o fezera por el (DSG – XIV)
- d) E pero non he pera creer - diz San Gregorio - **que** o bõõ logar a que o ja levaron **que** o perdesse (DSG – XIV)
- e) e rrogamos-vos **que** essas joyas que ella leixou **que** as mandees dar ao dito Joham Fernandez (CDP – XV)
- f) rogo-te **que** se te nembras d'algus **que** mh'os digas (DSG-XIV)
- g) parece-me jemte de tal jnoçencia **que** se os homẽ emtendese e eles anos. **que** seriam logo xpaãos (F11, 22-24)
- h) mas parece-me **que** se lho avezarem **que**o beberam de boa vontade (Caminha – XV)
- i) Ebem creio **que** se vosa alteza aquy mandar quem mais antreles de vagar ande, **que** todos seram tornados ao desejo de vosa alteza (Caminha - XV)
- j) mandou ocapitam aos nauios pequenos que fosem mais chegados aattra e **que** se achassem pouso seguro peraas naaos **que** amaynasem (Caminha -XV)

3.3.2 Verbo para Fin: ênclise

Sempre que o CP dividido é selecionado, Fin deve ter uma realização lexical, ou por movimento do verbo finito para Fin (tipo o requerimento Fin* proposto por Roberts 2004), ou por merge de **que**, como ilustrado acima. Quando há movimento do V flexionado, a ênclise ocorre.

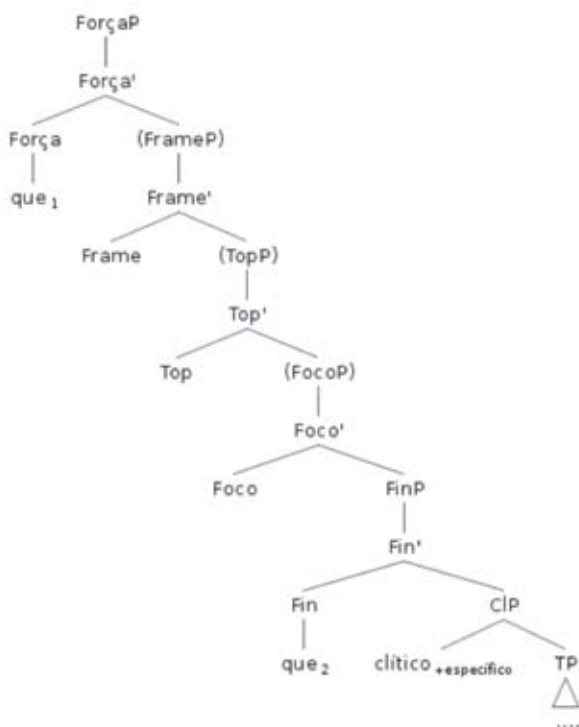
37. ..._[forceP] **que** [TOP/LD] [_{FinP} OP V [cl [_{IP} t_v ...]]]

38. Ja ora podes entender, Pedro, [_{ForçaP} **que** [aquelas cousas que Deus ordiou e soube ante que o mundo fosse feito,] [_{FinP} compriron [_{IP} se t_v pelas orações dos santos homens]] (DSG-XIV)

4 Sintetizando a análise

Em resumo, a estrutura que assumimos para explicar a ênclise nas subordinadas, no PA, está representada em (39) abaixo; resulta de uma re-interpretação da análise de Ribeiro (1995), adequando-a ao modelo da cartografia à esquerda, como desenvolvido por Rizzi (1997) e Benincà e Poletto (2004):

39.



As possibilidades de realizações estruturais são definidas como:

- (i) FrameP, TopP e FocoP só são projetadas se houver um constituinte discursivamente marcado para ocupar estas posições; se não forem projetadas, há duas possibilidades: (a) o movimento de Fin para Força, do que resulta as possibilidades de interpolação (cf. exemplos em 30); (b) a dupla realização de **que** (cf. exemplos em 36);
- (ii) FrameP e TopP não são posições V-relacionadas, o que significa que a forma verbal flexionada não precisa verificar nenhum traço nos núcleos destas posições (cf. exemplo em 34);
- (iii) o verbo flexionado sempre se move para Fin, o que caracteriza o PA como um sistema V2; o movimento de V-to-Fin é independente do clítico, ou seja, V não passa por CL no seu caminho para Fin;
- (iv) Spec/Fin pode hospedar constituintes tematizados (cf. exemplos em 31); constituintes focalizados se movem para Spec/Foco (cf. exemplos em 32, 35); nestes dois casos, o CL se move para os respectivos núcleos e se adjuge a V. O movimento do clítico se justifica para verificar os traços de [+específico] que constituintes tematizados ou focalizados carregam;
- (v) quando Spec/Fin hospeda um operador nulo (cf. exemplo em 37, 39), no caso de continuidade do tema discursivo, o Cl não se move para seu núcleo; o conteúdo semântico do operador nulo é recuperado discursivamente e a verificação do traço [+específico] acontece na FL;
- (vi) a ênclise na subordinada resulta de movimento de V para Fin quando o Spec/Fin está ocupado por um operador nulo (cf. exemplos em 17, 18, 19 e 20)

5 Os *corpora*

As análises aqui apresentadas se baseiam em dados coletados nos seguintes documentos, cobrindo os períodos do português do século XIII ao século XV.

- a) Cintra, L. F. L. (1951). *Crónica Geral de Espanha de 1344*. 4 volumes. Lisboa: Academia Portuguesa da História. (CGE)
- b) Ferreira, J. de A. (1987). *Afonso X. Foro Real*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. 2v. (FR)
- c) Macchi, G. (1966). *Crónica de D. Pedro de Fernão Lopes*. Roma, Ateneo. (CDP)
- d) Machado Filho, A. V. L. (2003). *Um Flos sanctorum do século XIV*. Edições, glossário e estudo lingüístico. Universidade Federal da Bahia: Tese de Doutorado. (FLOS)
- e) Mattos e Silva, R. V. (1971). *A mais antiga versão portuguesa dos "Quatro livros dos diálogos de São Gragório"*. Universidade de São Paulo Tese de Doutorado. (DSG)
- f) Piel, J.-M. (1988) *A demanda do Santo Graal* (concluída por Irene Freire Nunes). Lisboa: IN-CM. (GRAAL).
- g) Pereira, S. B. (1964). *Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio, INL-MEC.

REFERÊNCIAS

ADAMS, M. **Old French, null subjects, and verb second phenomena**. PhD Dissertation - University of California, Los Angeles, 1987.

BARBOSA, P. **Clitic placement in EP**. MIT, 1991. (Unpublished ms).

BENINCÀ, P.; POLETTTO, C. Topic, Focus and V2: Defining the CP Sublayers. In: RIZZI, L. (ed.). **The Structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures - v. 2**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 52-75.

BENINCÀ, P. **The left periphery of Medieval Romance**. Disponível em: <www.humnet.unipi.it/slifo/2004vol2/Beninca2004.pdf>. Acesso em: 2004.

BENINCÀ, P. Complement clitics in Medieval Romance: the Tobler-Mussafia law. In: BATTYE, A.; ROBERTS, I. (ed.). **Clause structure and language change**. New York: Oxford, 1995. p. 325-344.

CARDINALETTI, A.; ROBERTS, I. **Clause structure and X-second**. Ms, 1991.

FERNANDEZ-RUBIERA, F. J. **Clitics at the edge: clitic placement in Western Iberian Romance languages**. PhD dissertation - Georgetown University, Washington, DC, 2009.

FROTA, S.; VIGARIO, M. **Between Syntax and Phonology: On Phrasal Effects in European Portuguese**. Talk presented at the GLOW Workshop on Weight Effects, Athens, 1996.

GALVES, C.; TORRES MORAIS, M. A.; RIBEIRO, I. Syntax and Morphology in the Placement of Clitics in European and Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, p. 143- 177, 2005.

GALVES, C.; SÂNDALO, F. Clitic-Placement in European Portuguese and the Syntax-Phonology Interface. In: CASTRO, A.; et. al. **Romance Op. 47, Collected Papers on Romance syntax MIT Working Papers in Linguistics**. v. 47, p. 115-128, 2004.

GRANBERG, R. A. **Object pronoun position in Medieval and Early Modern Spanish**. PhD Dissertation - University of California, Los Angeles, 1988.

LOPES, A. L. A. **A ênclise em orações dependentes na história do Português Europeu**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MARTINS, A. M. **História dos Clíticos no Português**. Ph.D. thesis - Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

MARTINS, A. M. Mudança sintática, clíticos, negação e um pouquinho de scrambling. **Estudos lingüísticos e literários**, Salvador, v. 19, p. 129-162. 1997.

MASCARENHAS, S. **Complementizer doubling in European Portuguese**. Ms. 2007.

NAMIUTI, C. **Aspectos da história gramatical do português: interpolação, negação e mudança.** Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

NUNES, J. M. The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program: Summary by the Author. **GLOT International**, v. 8., n. 3, p. 16-17, 1998.

NUNES, J. M. **Linearization of Chains and Sideward Movement.** Cambridge: MIT Press, 2004.

PARCERO, L. M. J. **Fronteamento de constituintes no português dos séculos XV, XVI e XVII.** Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

PRINCE, E. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.). **Radical Pragmatics.** Nova York: Academic Press, 1981. p. 223-56.

RAPOSO, E.; URIAGEREKA, J. Clitic Placement in Western Iberian: A Minimalist View. In: CINQUE, G.; KAYNE, R. S. (ed.). **The Oxford Handbook of Comparative Syntax.** Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 639-697.

RAPOSO, E. Clitic Position and Verb Movement. In J. Costa (ed.), **Portuguese Syntax – New Comparative Studies.** Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 266-297.

RIBEIRO, I. Um estudo da ênclise nas estruturas completivas do português arcaico. **Boletim da ABRALIN**, v. 14, p. 369-380, 1993.

RIBEIRO, I. **A sintaxe do português arcaico; o efeito V2.** Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995a.

RIBEIRO, I. Evidence for a V2 phase in Old Portuguese. In: BATTY, A.; ROBERTS, I. (ed.). **Clause structure and language change.** New York, Oxford, 1995b. p. 110- 139.

RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.) **Elements of Grammar.** Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337

ROBERTS, I. The C-System in Brythonic Celtic Languages, V2, and the EPP. In: RIZZI, L. (ed.). **The Structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures - v. 2.** Oxford: Oxford University

Press, 2004. p. 297-328.

ROUVERET, A. **Clitic placement, focus and the Wackernagel position in European Portuguese.** Université de Paris-VIII. Ms, 1992.

SALVI, G. L'ordine delle parole in galego-portoghese antico. **XIX Congresso Internacional de Linguística e Filología Románicas.** Santiago de Compostela, 1989.

SALVI, G. La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della penisola Ibérica. **Medioevo Romano.** v. 15, p. 117-210, 1990.

SALVI, G. Ordine delle parole e struttura della frase nelle lingue romanze antiche. **Alfa.** São Paulo, v. 37, p. 187-203, 1993.

SHLONSKY, U. Enclisis and proclisis. In: RIZZI, L. (ed.). The structure of CP and IP. **The cartography of syntactic structures.** v. 2, p. 329-354, 2004.

URIAGEREKA, J. A F Position in Western Romance. In: KISS, K. É. (ed.). **Discourse Configurational Language.** Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 153-175.

VANCE, B. **Null subjects and syntactic change in Medieval French.** PhD Dissertation - University of Cornell, 1989.

Recebido em março de 2010

Aprovado em abril de 2010

SOBRE A AUTORA

Ilza Ribeiro é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1995). Atualmente é professora Adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sintaxe Gerativa, atuando principalmente nos seguintes temas: variação linguística, história do português, gramática normativa, teoria da gramática. Autora de vários artigos e capítulos de livros.
E-mail: ilzaribeiro@uol.com.br